

## **Saúde Mental na Atenção Básica: a territorialização do cuidado**

## Conselho Editorial

Alex Primo – UFRGS  
Álvaro Nunes Lorangeira – UTP  
Carla Rodrigues – PUC-RJ  
Ciro Marcondes Filho – USP  
Cristiane Freitas Gutfreind – PUCRS  
Edgard de Assis Carvalho – PUC-SP  
Erick Felinto – UERJ  
J. Roberto Whitaker Penteadó – ESPM  
João Freire Filho – UFRJ  
Juremir Machado da Silva – PUCRS  
Maria Immacolata Vassallo de Lopes – USP  
Michel Maffesoli – Paris V  
Muniz Sodré – UFRJ  
Philippe Joron – Montpellier III  
Pierre le Quéau – Grenoble  
Renato Janine Ribeiro – USP  
Sandra Mara Corazza – UFRGS  
Sara Viola Rodrigues – UFRGS  
Tania Mara Galli Fonseca – UFRGS  
Vicente Molina Neto – UFRGS

# Saúde Mental na Atenção Básica: a territorialização do cuidado

Organizadoras:  
Simone Paulon  
Rosane Neves



*Editora Sulina*

© Autores

Capa: Eduardo Miotto  
Foto da capa: Marcela Dimenstein  
Projeto gráfico e editoração: Niura Fernanda Souza  
Revisão: Gabriela Koza  
Revisão gráfica: Miriam Gress  
Editor: Luis Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Bibliotecária Responsável: Denise Mari de Andrade Souza – CRB 10/960

---

S255

Saúde mental na atenção básica: a territorialização do cuidado  
/ organizado por Simone Paulon e Rosana Neves. -- Porto  
Alegre: Sulina, 2013.  
151 p.

ISBN: 978-85-205-0455-8

1. Saúde Mental. 2. Psiquiatria. 3. Atenção Básica – Saúde  
Mental. 4. Saúde Pública. 5. Medicina. I. Paulon, Simone. II. Neves,  
Rosana.

CDU: 616-084  
616.89  
CDD: 614.58

---

Todos os direitos desta edição são reservados para:  
EDITORA MERIDIONAL LTDA.

Editora Meridional Ltda.  
Av. Osvaldo Aranha, 440 cj. 101 – Bom Fim  
Cep: 90035-190 – Porto Alegre/RS  
Fone: (0xx51) 3311.4082  
Fax: (0xx51) 2364.4194  
www.editorasulina.com.br  
e-mail: sulina@editorasulina.com.br

Maio/2013

# Sumário

PREFÁCIO .....	7
<i>Rosana Onocko Campos</i>	
APRESENTAÇÃO .....	11
<i>Simone Paulon e Rosane Neves</i>	
PARTE I	
1. Apoio matricial em saúde mental no contexto da saúde coletiva.....	17
<i>Cláudia Maria Filgueiras Penido</i>	
2. Integralidade em saúde mental: coordenação e continuidade de cuidados na Atenção Primária.....	39
<i>Magda Dimenstein, Ana Izabel Lima e João Paulo Macedo</i>	
3. Integrando CAPS e saúde da família: apoio matricial em saúde mental .....	61
<i>Fabiane Minozzo e Ileno Izídio da Costa</i>	
4. A saúde bate à sua porta: olhares sobre a prática dos Agentes Comunitários de Saúde .....	83
<i>Carlos Augusto Piccinini e Rosane Neves</i>	
5. Atenção Básica e desinstitucionalização da loucura: acionando competências dos Agentes Comunitários de Saúde .....	99
<i>André Luis Sales Leite e Simone Paulon</i>	
PARTE II	
Rastreando o cuidado em saúde mental pela mão dos Agentes Comunitários de Saúde: um percurso de pesquisa .....	113
<i>Rosane Neves, Simone Paulon, Henrique Caetano Nardi, Rosemarie Tschiedel, Gustavo Zambenedetti, Carlos Augusto Piccinini, André Luis Sales Leite</i>	
Notas sobre os autores .....	149



# Prefácio

Saúde mental e Atenção Primária: o jardim das veredas que se entrecruzam

*Rosana Onocko Campos*

Peço licença a meu contemporâneo Borges para brincar com as veredas... Não tenho coragem de pedir para Guimarães Rosa, às vezes melhor andar pelas veredas conhecidas. Mas achei interessante refletir sobre as relações entre a saúde mental e a Atenção Básica me valendo dessa metáfora das veredas e dos jardins.

No Brasil, muitos bairros sem rua, sem praça e sem esgoto chamam-se de jardim alguma coisa... Por que será? Muitos desses bairros trazem também no nome brilhos, beleza, riqueza. Penso haver uma busca ali, na nomeação. Uma luta pelo direito ao sonho, às vezes, nomear é a única forma possível de desejar. Ser belo, ser jardim, ter largas veredas...

No Brasil, as histórias da Reforma Psiquiátrica e Sanitária ora se juntam ora (como no jardim de Borges) suas veredas se bifurcam. Outros sistemas de saúde foram primeiramente sistemas de saúde antes de se reformar no campo da assistência psiquiátrica (o sistema inglês, por exemplo). Neles podemos reconhecer as marcas desse passado: um sistema bem assentado na Atenção Primária, com uma Atenção Básica médico-centrada, e no qual a temática da saúde mental se impõe epidemiologicamente no contemporâneo e procura ser abordada a partir de capacitações dos médicos gerais e encaminhamentos precoces e adequados. Uma abordagem pouco tocada pela ideia de Reforma Psiquiátrica e da abolição dos manicômios (não negando que também existam esses movimentos no contexto inglês).

Aqui não, aqui o sistema nasce se reformando. E as reformas nunca se acabam. E o sistema nunca está implantado, sempre nos planos, sempre com um traço de projeto. Assim sendo, não é de se estranhar também que a saúde mental tenha levado um bom tempo para entrar na agenda da Atenção Básica brasileira. No Brasil, a potência da “luta antimanicomial” – como tudo que se define “anti” algo – fez certo obstáculo para o

reconhecimento da pertinência do tema da saúde mental à Atenção Básica. No que, em alguns contextos, reproduziu uma falsa dicotomia entre o coletivo e o individual, entre o social e o clínico.

Apesar de toda sua incompletude, de sua heterogeneidade de funcionamento e de deficiências várias, a Atenção Primária brasileira adota, na maioria das localidades, um formato que se aproxima da Estratégia de Saúde da Família, apostando em equipes não tão médico-centradas, com forte base territorial e com a inegável e estratégica função dos agentes comunitários de saúde (ACS). Que a esta altura do campeonato são quase uma jabuticaba... Só tem no Brasil! Dir-me-ão que há figuras parecidas em outros sistemas de saúde. Procurarei argumentar que esse parecido é bem pouco semelhante.

Vários estudos mostraram a relevância do trabalho dos agentes e também vários outros mostraram como eles se constituem no bode expiatório de inúmeros problemas do sistema de saúde. Talvez a distância entre o prescrito e o realizado não encontre tanta largura em nenhuma outra das categorias profissionais da saúde. Prescreve-se a eles que sejam quase que super-heróis no território e isso com a única exigência de que sejam moradores da mesma região onde trabalham.

Em nome do sistema, de um parco salário e sem nenhuma formação específica, na maioria dos casos, se exige deles ações de prevenção, vigilância sanitária, intervenções clínicas breves e tratamentos supervisionados. Cabe a eles carregarem as veredas nos braços e fazê-las se entrecruzar. Se há um ponto de articulação entre saúde mental e Atenção Primária ele se dá (não exclusivamente, mas principalmente) nas abordagens no território, onde as demandas não podem ser facilmente classificáveis, nem ordenadas. E ali os agentes têm uma função relevante. Tenho tido a oportunidade de realizar e acompanhar alguns estudos nos quais os Agentes Comunitários de Saúde (ACS) declaram que a assistência de demandas de saúde mental é uma das que mais os angustia, gerando uma sensação de impotência e vulnerabilidade pessoal; afirmam também sentirem-se muitas vezes sozinhos e despreparados para encarar esses desafios.

O livro que temos entre mãos traz uma feliz aproximação dessas veredas da saúde mental e da Atenção Básica, e dá conta de uma experiência importantíssima de intervenção junto aos Agentes Comunitários de Saúde nessa temática.

Na primeira parte, apontam-se reflexões teórico-práticas sobre as características fundamentais dos sistemas de saúde baseados na Atenção Primária: longitudinalidade, articulação de redes e entre serviços, esforços pela desinstitucionalização de casos graves no território, etc.

Na segunda, apresenta-se a intervenção com os ACS, enraizada no concreto de suas vivências e práticas, construída por meios inclusivos e participativos: com eles, não “sobre eles”. Imperdível para todos os que queiram se adentrar nesse percurso de veredas que se entrecruzam. Boa leitura!